

**Artigo****Sobre a intolerância e as formas de pensar: uma reflexão a partir de Paul Ricoeur****On intolerance and ways of thinking: a reflection from Paul Ricoeur****Sobre la intolerancia y las formas de pensar: una reflexión sobre Paul Ricoeur****Clóvis Trezzi¹**

Universidade La Salle (Unilasalle), Canoas-RS, Brasil

Resumo

Este artigo debate a questão da intolerância e suas consequências no mundo. Parte da ideia de que a intolerância é um problema que coexiste com a humanidade e faz parte da sua história, e analisa-a do ponto de vista das opções humanas, buscando reflexos na educação. Tem como objetivo realizar uma discussão sobre a intolerância na sociedade do século XXI que, com o fortalecimento de governos autoritários, vem ganhando força, e buscar caminhos de superação do problema. O caráter bibliográfico do artigo permite uma análise hermenêutica maior da intolerância como traço ideológico. Trabalha-se aqui a partir de autores, especialmente Ricoeur (1990) e Adorno (1995) que analisam os elementos que conduzem da ideologia para a polarização de opinião, sendo esta um motor da intolerância. Se o mundo contemporâneo está tão polarizado e despolitizado, a política e o espírito crítico parecem ser o caminho. Conclui-se que, para além da aquisição do espírito crítico, a possibilidade de superação está na capacidade humana de discernimento, uma vez que o próprio espírito crítico, quando não bem compreendido, pode estar a serviço de uma ideologia e servir para reforçar a intolerância. Cabe à escola, em grande parte, a responsabilidade pelo desenvolvimento da criticidade necessária à superação da intolerância.

Abstract

This article discusses the issue of intolerance and its consequences in the world. It starts from the idea that intolerance is a problem that coexists with humanity and is part of its history, and analyzes it from the point of view of human options, seeking reflexes in education. It aims to hold a discussion on intolerance in 21st century society that, with the strengthening of authoritarian governments, has been gaining strength, and seeking ways to overcome the problem. The bibliographic character of the article allows a greater hermeneutic analysis of intolerance as an ideological trait. We work here from authors, especially Ricoeur (1990) and Adorno (1995) who analyze the elements that lead from ideology to the polarization of opinion, which is an engine of intolerance. If the contemporary world is so polarized and depoliticized, politics and critical thinking seem to be the way. It is concluded that, beyond the acquisition of the critical spirit, the possibility of overcoming lies in the human capacity for discernment, since the critical spirit itself, when not well understood, can

¹ Professor da Universidade La Salle. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-5682-6579> E-mail: clovis.trezzi@unilasalle.edu.br

be at the service of an ideology and serve to reinforce intolerance. The school is largely responsible for developing the criticality needed to overcome intolerance.

Resumen

Este artículo analiza el tema de la intolerancia y sus consecuencias en el mundo. Parte de la idea de que la intolerancia es un problema que coexiste con la humanidad y es parte de su historia, y lo analiza desde el punto de vista de las opciones humanas, buscando reflexiones sobre la educación. Su objetivo es mantener una discusión sobre la intolerancia en la sociedad del siglo XXI que, con el fortalecimiento de los gobiernos autoritarios, ha ido ganando fuerza y buscando formas de superar el problema. El carácter bibliográfico del artículo permite un mejor análisis hermenéutico de la intolerancia como rasgo ideológico. Trabajamos aquí de autores, especialmente Ricoeur (1990) y Adorno (1995) que analizan los elementos que conducen desde la ideología a la polarización de la opinión, que es un motor de intolerancia. Si el mundo contemporáneo está tan polarizado y despolitizado, la política y el pensamiento crítico parecen ser el camino. Se concluye que, más allá de la adquisición del espíritu crítico, la posibilidad de superación radica en la capacidad humana de discernimiento, ya que el espíritu crítico en sí mismo, cuando no se entiende bien, puede estar al servicio de una ideología y servir para reforzar la intolerancia. La escuela es en gran parte responsable de desarrollar la criticidad necesaria para superar la intolerancia.

Palavras-chave: Intolerância, Política, Educação.

Keywords: Intolerance, Policies, Education.

Palabras claves: Intolerancia, Política, Educación.

Introdução

Tolerância pode ser definida como a capacidade de conviver pacificamente com a opinião contrária. Ela identifica-se com o pluralismo de opiniões e de valores que compõem a sociedade. Comte-Sponville (1995) diz que ela só tem valor em questões de opinião, nunca em situações concretas, e nem pode ser plena, mesmo em se tratando de opinião. A tolerância indiscriminada e plena não se justifica quando a vida, a liberdade, a paz estão ameaçadas. Por exemplo, tolerar a opinião contrária não significa concordar com alguém que defende o nazismo ou a tortura. Tampouco uma pessoa tolerante pode ser permissiva com quem cometeu um crime ou está prestes a cometê-lo.

Não se pode, portanto, confundir tolerância com permissividade. Comte-Sponville (1995) diz que uma tolerância universal é moralmente condenável e contraditória em si, porque ao permitir tudo acaba provocando uma desgraça maior. Onde está a superação deste paradoxo? Na capacidade de discernimento sobre o que é moralmente aceitável ou não.

A tolerância requer, em primeiro lugar, capacidade de diálogo; em segundo lugar, aprofundamento de conteúdos que ajudem a sustentar os argumentos em seu favor – ou contra ela. Em alguns casos, é possível ser moralmente intolerante, como nos exemplos citados acima, que não necessariamente precisam ser tratados como intolerância. Por exemplo, ser contra a tortura é uma questão de justiça e não de intolerância.

Embora a intolerância esteja mais associada às questões ideológicas do que a tolerância, ambas podem se transformar em ideologia quando levadas ao extremo, além de servirem à manutenção de um aparato ideológico. Por exemplo, quando, para não colocar em jogo as próprias crenças, a pessoa fecha os olhos para determinados comportamentos de seu grupo social ou político, ela

pode usar o argumento da tolerância, quando, na verdade, está sendo apenas ideológica.

Talvez um dos exemplos mais significativos de intolerância na atualidade seja o mundo da política e seus desdobramentos, especialmente o partidarismo e o sectarismo. É significativo porque esses desdobramentos podem gerar ataques os mais variados a tudo aquilo que de alguma forma ameaça um pensamento hegemônico tradicional: direitos humanos, diversidade religiosa, diversidade de pensamento.

Partindo da "ideologia do conflito a todo preço" explicitada por Ricoeur (1990), este artigo desenvolve a ideia da intolerância como um problema que faz parte da história humana e parece muito vivo no nosso século. Trabalha alguns reflexos sobre a educação e faz uma reflexão sobre a superação deste dilema humano.

A compreensão de intolerância que o artigo aborda pode ser vista como a incapacidade (ou o não desejo) humana de aceitar um pensamento oposto. Enquanto forma de pensar, esse comportamento é típico das ideologias mais radicais. Ela se revela especialmente na forma com que se lida com o outro, seja por meio de agressividade ou de silêncio. Ela pode se manifestar em diversos meios sociais: política, religião, esportes e até mesmo educação.

O problema que se apresenta aqui é, mais do que uma discussão sobre o tema, um questionamento sobre a possibilidade de superação da intolerância, tendo em vista a amplitude no alcance do tema e, também, os reflexos sociais e, por que não, históricos. A intolerância, da maneira como aqui é trabalhada, coloca-se na relação com a sociedade como algo perigoso, pois as ideologias intolerantes tendem a esmagar aquilo que procura se contrapor a elas. Por isso, o questionamento sobre a superação da intolerância torna-se pertinente e, até mesmo, necessário frente à possibilidade de esta instaurar-se na sociedade e, até mesmo, sobrepor-se à outra possibilidade, a da tolerância.

2. A intolerância como traço ideológico

Ricoeur (1990), que ao desenvolver uma hermenêutica crítica da sociedade, trabalha as ideologias em uma perspectiva dialética (contradição x unidade) faz uma discussão importante ao descrever duas ideologias, facilmente reconhecíveis – especialmente a segunda – na sociedade brasileira: a conciliação a todo preço e o conflito a todo preço. A primeira refere-se à ideia cristã de que o amor supera tudo e vence todos os problemas. Ela prega a reconciliação, independentemente da gravidade do conflito. Esta ideologia pode ser compreendida como aquela dos que preferem não se envolver nas discussões porque acham que não vale a pena o enfrentamento. O contraponto, ou seja, a ideologia do conflito a todo preço, é muito mais forte. Ricoeur chama isso de "'hegelianização' difusa de todos os nossos pensamentos e de todos os nossos comportamentos" (id., p. 163). Essa "hegelianização" fixa-se apenas na polaridade tese x antítese.

Para se compreender a intolerância nesse nível é importante apreender os cinco traços da ideologia apresentados por Ricoeur (1990). O primeiro traço é a necessidade de representação, ou seja, ela serve para dar vida a uma convicção e perpetuá-la. O segundo traço é o dinamismo: uma ideologia, embora permaneça no tempo e tenha a intenção de perpetuar-se, é dinâmica, porque precisa afirmar-se na sociedade e, ao mesmo tempo, provar que é

importante. O terceiro traço é aquele que traz uma carga negativa: ela é simplificadora e esquemática. Não que ela não argumente, mas o faz no mesmo nível da *doxa* dos gregos, em geral partindo do particular para o universal, de modo que torna-se mais fácil convencer as pessoas de que ela possui uma visão de conjunto de um grupo, de um país, até do mundo. Para Ricoeur, tudo pode ser ideologizado, até a ética e a filosofia. O quarto traço é que a ideologia é operatória, pois atua por trás de nós e não diante de nossos olhos; nós pensamos a partir dela, e não através dela, podendo assim mais facilmente acontecer uma distorção da realidade. Por fim, o quinto traço – aquele no qual de fato se produz a intolerância - é a temporalidade: o novo só é aceito a partir do já vivido e organizado. “A intolerância começa quando a novidade ameaça gravemente a possibilidade, para o grupo, de reconhecer-se, de reencontrar-se”. (RICOEUR, 1990, p. 70).

Seria, portanto, possível imaginar uma sociedade livre de ideologias? Esta sociedade estaria livre da intolerância? São perguntas que podem surgir a partir do exposto até aqui. A resposta para as duas perguntas é não. A polarização do pensamento e a intolerância não se devem exclusivamente às ideologias, assim como não se pode pensar um grupo humano que não tenha estruturas ideológicas de pensamento. O mais importante é a maneira como este pensamento pode agir de maneira destrutiva em uma sociedade.

Afirma Ricoeur (1990, p. 164):

Com efeito, há um caminho inelutável que leva da busca da polarização a todo preço à vontade de fazer fracassar toda tentativa institucional de concertação por ações de ruptura, até a tática da *provocação* (cito como exemplo as 'reivindicações não-negociáveis' propostas pelos estudantes de certos *campus* americanos).[...] Numa sociedade muito evoluída, onde os mecanismos sociais são muito frágeis, a tática da provocação parece-me fundamentalmente antipedagógica. (Grifo do autor).

A intolerância é sempre um pensamento polarizado. Quanto mais extremista, mais intolerante ou fundamentalista é a ideologia. Ricoeur (1990) afirma que o extremismo, seja para a tolerância ou para a intolerância (paz x conflito) tende a cegar as pessoas. Isso significa que para defender a ideologia na qual acredita, a pessoa passa a ignorar sinais claros de que pode estar acontecendo algo de errado – ou até mesmo algo que abala suas convicções pessoais, tendendo a ser mais intolerante com quem professa outra ideologia, ainda que, no fundo, o comportamento de ambos seja similar.

Um elemento típico do século XXI (mas que vinha acontecendo em menor escala já no século passado) é a fragilização das instituições. Ligada ao conceito de modernidade líquida, desenvolvido por Bauman (2001), esta fragilização é também fruto de um processo de adaptação da sociedade às mudanças de época. Como as ideologias precisam das instituições para serem difundidas, embora sejam defendidas pelos indivíduos, elas acabam ultrapassando fronteiras, pois estas também estão frágeis. Assim, por exemplo, ideologias políticas penetram na escola e na igreja, levando até mesmo a intolerância para dentro destas instituições.

Curioso é notar que a superação da ideologia do conflito, que leva à intolerância, passa justamente pelo ultrapassar fronteiras. Se, por um lado, ao penetrar um mundo diferente, uma ideologia pode contaminar aquele mundo

com um elemento que pode ser negativo, por outro lado é colocando duas ideologias em confronto – na perspectiva hegeliana da busca de síntese – que se pode superar o conflito. Isso acontece porque, justamente, é próprio das ideologias fugirem do diálogo, pois uma ideologia para se difundir, depende de um pensamento hegemônico, nos moldes gramscianos. Contudo, quando uma consegue ultrapassar a fronteira e confrontar-se com a outra, há uma tendência de se superar a intolerância ao perceber que, afinal de contas, duas ideologias muito diferentes podem ter elementos em comum.

Acontece que o cruzar das fronteiras sempre desperta para algo novo. Enquanto cada um ou cada grupo permanece no seu ambiente, no seu mundo, acaba defendendo apenas o seu lado. Quando ocorre uma transposição de limites, surge uma nova ciência, uma nova religião, uma nova ideologia. E quando se ocorre uma fusão de fronteiras entre ideologias tão distintas como as políticas? Zizek (2015) apresenta a história de um ateu materialista fanático que acorda no pós-morte e percebe que estava errado, ou seja, que há um Deus e outro mundo depois da vida. Este ateu fica extremamente aborrecido com isso, pois afinal passou toda a vida defendendo um ideal que não era verdadeiro. Aos poucos, porém, racional que era, passou a adaptar sua forma de pensar à nova realidade a qual não podia negar. Depara-se, então, com algo desagradável:

(...) nessa nova realidade, os seres conscientes não têm órgãos sexuais nem orientação sexual, há amizades e compaixão, mas não há sexualidade nem amor sexual, tampouco ética e moral, exceto a cultura utilitarista mais básica de não ferir demais os outros (ZIZEK, 2015, p. 8).

No desespero de estar em tal mundo, ele se mata, mas acorda sempre na mesma realidade, por mais vezes que cometa suicídio. O desespero toma conta dele até que, em contato com outras almas na mesma situação, começam a surgir boatos do surgimento de uma nova religião que prega que, matando-se de determinada maneira bem específica, não se acorda mais. Dentro dessa nova religião, porém, há duas correntes: uma que diz que se "morre de fato e para sempre, desfazendo-se no nada", e outra que prega que "é apenas depois dessa segunda morte que você alcança a bênção e a eternidade" (id, p. 9).

Ora, essa história relata bem o que acontece quando duas ideologias opostas se fundem numa mesma realidade: surge uma terceira que vai atender, de alguma maneira, a todos os anseios. Ou seja, se, por um lado, o ultrapassar as fronteiras ideológicas ajuda a superar a intolerância ao colocar as bases em diálogo, por outro lado há o perigo e a tendência de surgir, da fusão das duas, uma nova ideologia, às vezes tão perigosa e intolerante quanto as originais.

Ricoeur (1990) diz que a polarização de pensamento tende a ser um perigo para a sociedade, justamente porque os mecanismos sociais são frágeis. O pensamento polarizado pode acabar com as liberdades, especialmente por assumir um caráter policialesco. E isso é pior quando se confunde a posição ideológica pessoal do líder político de um determinado país com a dimensão política. Um governo republicano e democrático não pode colocar as ideologias e convicções pessoais e/ou de seu partido político acima das necessidades do país. E isso piora quando a ideologia tende à intolerância, pois "o ciclo contestação-repressão está esboçado, mas funciona cada vez mais em proveito do poder e em detrimento das liberdades públicas" (RICOEUR, 1990, p. 164).

Agir de maneira ambígua, ou seja, ser por vezes incoerente em relação às próprias ideias é típico do ser humano. Assim, por exemplo, pode-se encontrar um católico fervoroso, conservador, defensor da família tradicional, que tem uma amante e até mesmo já a forçou a cometer aborto. Grupos extremistas tendem, ainda, a ser moralistas, ou seja, apontar facilmente os erros do grupo oponente, ainda que o seu grupo cometa os mesmos erros - ou justamente por isso, pois apontar os erros do outro facilmente encobre os deles - e ganha a briga quem consegue gritar mais alto. “O mais grave de tudo” – escreve Ricoeur (1990, p. 165) “é o progresso da *não comunicação* na sociedade” (grifo do autor).

Já mencionamos os governantes que colocam a própria ideologia ou a do seu partido acima dos interesses do país. Estes tendem a ser governos totalitários, intolerantes e que cerceiam a opinião. No Brasil, as últimas ditaduras civis-militares são um claro exemplo disso. Durante a ditadura Vargas, em 1939, tornou-se proibido falar algum idioma estrangeiro no Brasil, com risco de prisão dos infratores. No período da ditadura militar, havia perseguição a qualquer pessoa que se manifestasse contra o regime, especialmente professores, jornalistas, artistas, comunicadores e líderes religiosos.

A ideologia da intolerância, portanto, não afeta apenas uma dimensão da sociedade, mas dir-se-ia que, uma vez que ela sai de uma instituição e entra em outras, estas também saem atingidas. Um exemplo é quando dentro da igreja, cujo discurso em geral é de amor e acolhida, começa-se a agir de forma a repetir o discurso de uma ideologia que está arraigada em outro campo, como a política partidária. Em geral, não há problema quando há diálogo entre o pensamento religioso e o político, mas começa a acender-se um sinal de alerta quando uma delas assume o discurso da outra.

3. Reflexos na educação

A escola é um lugar para se discutir as ideologias e colocá-las em confronto. Socialização na escola é mais do que assimilar os valores e hábitos da sociedade, como defendia Durkheim. A socialização também tem a ver com a pessoa colocar as próprias ideias e aquelas assumidas da sociedade ou do grupo a que pertence em confronto com as ideias e ideologias trazidas pelos outros e aquelas presentes na sociedade.

Como as ideologias dependem da fragilidade dos mecanismos sociais para se propagarem (RICOEUR, 1990), elas em geral não admitem ser questionadas ou confrontadas. E quando em uma determinada sociedade estes mecanismos são tão frágeis que são as ideologias que ditam as normas, qualquer tentativa de confrontá-las acaba de certa forma desestabilizando a sociedade – porque desestabiliza as ideologias.

Percebe-se que, ao mesmo tempo em que se espera que a escola forme alunos críticos - e se condene a passividade nos jovens – o pensamento crítico provoca susto, justamente porque mexe com as convicções, e convicções podem ser perigosas quando não se permitem ser questionadas. É isso que discute Freire (2000, p. 40) quando diz que

A consciência do mundo, que viabiliza a consciência de mim,
inviabiliza a imutabilidade do mundo. A consciência do mundo e

a consciência de mim me fazem um ser não apenas no mundo, mas *com* o mundo e *com* os outros. (Grifo do autor)

A intolerância enquanto ideologia é fruto da incapacidade de refletir sobre as próprias ideias, ou, quem sabe, de refletir as próprias ideias, no sentido de *reflectere* (dobrar, curvar). Em geral, uma ideologia tem um pensamento linear e aposta na imutabilidade, ou seja, tenta perpetuar-se. Com a intolerância é assim. Portanto, a superação começa com a reflexão.

A sociedade como um todo e a escola precisam colocar-se de acordo em relação ao seu papel na formação dos jovens. Às vezes, a ideologia da intolerância atinge diretamente a escola, que não consegue mais cumprir o seu papel de colocar as ideologias em diálogo e refletir sobre elas. Em sociedades intolerantes, quando esta é a ideologia política dominante, há uma ambiguidade de comportamento: por um lado exige-se que a escola forme pessoas críticas, capazes de atuar em sociedade com liberdade de pensamento, por outro lado quando, ao questionar uma ideologia ou refletir sobre outra, ela é atacada por quem acredita que, se fizer isso, a escola estará interferindo na formação moral da criança ou do adolescente, enquadrando os professores em uma espécie de crime de opinião.

Os crimes de opinião são típicos das ditaduras. No Brasil, depois de conquistada a democracia, este tipo de crime não mais existe. A liberdade de opinião é um dos direitos garantidos pela Constituição de 1988 (Art. 5º, IV). Essa liberdade de expressão ou possibilidade de emití-la sem cerceamento ou imposição de ideias ganhou força com a chegada da internet e, principalmente, das redes sociais. É possível, aqui, utilizar as palavras do então vice-presidente da República Michel Temer a Dilma Rousseff: *Verba volant, scripta manent* (as palavras voam, os escritos permanecem). Quer dizer, antes da possibilidade de as pessoas manifestarem suas opiniões por escrito, em redes sociais, elas eram apenas ditas, e palavras ditas são facilmente esquecidas, ao contrário das escritas.

Por outro lado, é possível cada vez mais perceber problemas sérios com essa linguagem escrita: no mundo das redes sociais, é muito comum encontrarmos opiniões irrefletidas, ou então a emissão de opinião sem conhecer-se a base do que se está falando. Zuin (2013) trata este assunto afirmando, a partir de Adorno, que as pessoas nos tempos modernos, detentoras de um poder tecnológico muito grande, não mais têm tempo para a formação ou para a reflexão. Como tudo está ao alcance de um clique na tela, parece que o esforço da leitura e compreensão do que se lê já não compensa, já que em geral as coisas se condensam em frases curtas de até 140 caracteres. Usando as palavras de Adorno, Zuin chama isso de semiformação.

Os frutos da semiformação, segundo Adorno, podem se refletir na falta de emancipação do ser humano, justamente porque a emancipação só se consegue com a capacidade de refletir criticamente as ideologias.

Penso sobretudo em dois problemas difíceis que é preciso levar em conta quando se trata de emancipação. Em primeiro lugar, a própria organização do mundo em que vivemos é a ideologia dominante – hoje muito pouco parecida com uma determinada visão de mundo ou teoria –, ou seja, a organização do mundo converteu-se a si mesma imediatamente em sua própria ideologia. Ela exerce uma pressão tão intensa sobre as pessoas

que supera toda educação. (...) No referente ao segundo problema (...) emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade (...). A educação seria impotente se ignorasse a adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém seria questionável igualmente se ficasse nisto, produzindo nada além de *well adjusted people*, em consequência do que a situação existente se impõe no que tem de pior. (ADORNO, 1995, p. 143)

A semiformação, na perspectiva adorniana, acontece sob a perspectiva da cultura de massa. Ou seja, quando a escola e a sociedade rendem-se a essa cultura, o senso crítico diminui, justamente porque este, embora aprendido e exercido em sociedade, é essencialmente individual. E quanto menor o senso crítico, maior a possibilidade de o indivíduo apoiar-se em ideologias, às vezes nefastas, pois estas se desenvolvem justamente como opinião de massa.

Quanto menos se pensa criticamente, maior a intolerância e mais as expressões de ódio se manifestam. Em parte, isso pode ser compreendido porque a geração internet ou, mais recentemente, a que se pode chamar geração *snapchat*, tem dificuldade em fazer leituras mais críticas ou profundas, já que tudo está facilmente colocado ao alcance dos olhos e, com a mesma rapidez, tudo some da tela. Mas não podemos esquecer que, muito antes da internet, havia pelo mundo afora defensores ferrenhos do nazismo, da Ku Klux Klan, da escravidão, do *apartheid* ou das ditaduras. E entre os defensores não estavam apenas aqueles que eram envolvidos diretamente no movimento, mas também pessoas comuns. E entre as pessoas comuns, não estavam apenas pessoas iletradas, mas também intelectuais. Portanto, conhecimento não é suficiente na superação.

A escola e a sociedade - ou, nas palavras de Martins e Carrano (2011), a escola e a cidade - são essencialmente formadoras do espírito crítico. É um erro delegar apenas à escola este papel, bem como é um erro tirá-lo da escola. A recente reforma do ensino médio, aprovada pelo governo de Michel Temer, enfrentou resistências no meio escolar por, entre outros motivos, inicialmente propor a retirada de disciplinas importantes como filosofia, sociologia, educação física e artes, privilegiando aquelas áreas do conhecimento que, supostamente, são necessárias para o ingresso no ensino superior. Já no primeiro dia de lançamento da ideia, milhões de pessoas puseram-se a protestar nas redes sociais, o que fez com que o governo recuasse e recolocasse as quatro disciplinas como obrigatórias. Como em outras situações, percebeu-se o Brasil dividido: pessoas que são favoráveis ao projeto e pessoas contrárias.

4. Por uma superação da intolerância

Estaria, de fato, na escola o papel da superação da intolerância? Não há dúvidas de que ela é um lugar privilegiado da convivência entre os diferentes. A controvérsia começa quando se passa a acreditar que o papel da escola é escolarizar, colocando neste verbo a carga de uma transmissão de conteúdos curriculares.

Superar a ideologia e a intolerância, contudo, não significa ficar livres delas ou pretender que desapareçam. A tensão dos contrários está presente no nosso modo de pensar e dificilmente se pode falar em uma sociedade sem

ideologias ou polarizações de pensamento. Mas é possível atenuar os efeitos, quando se manifestam negativos.

Se não é possível – talvez nem fosse saudável – eliminar as ideologias, é preciso olhar para além delas. Uma vez que o indivíduo que se deixa convencer que uma ideologia possui respostas para as questões mais profundas, é necessário superar o olhar superficial e olhar através dela. Isso é uma aprendizagem e não resta dúvidas sobre o papel da escola neste processo.

Para Freire (2014, p. 26), “na tolerância virtuosa não há lugar para discursos ideológicos, explícitos ou ocultos, de sujeitos que, julgando-se superiores aos outros, lhes deixam claro [...] o favor que lhes fazem por tolerá-los”. Não é este tipo de tolerância que se espera em um processo de superação, pois ela mesma é ideológica.

Ricoeur (1990) diz que sem a criticidade, sem a conscientização, não é possível evitar os discursos de ódio. Por isso, a dinâmica ideológica da conciliação a todo preço não funciona. É preciso que haja contestação, sempre baseada em motivações mais profundas.

A superação da intolerância, assim como das ideologias, passa pela contestação. Uma contestação consciente, crítica, embasada em valores fundamentais e em conteúdos mais profundos. O conhecimento, por si só, não supera a ignorância. É preciso um conhecimento refletido de forma consciente e intencional.

Para Freire (2014), não se pode negar aquilo que é real. Portanto, não se pode negar o poder das ideologias, pois elas “têm o poder de ocultar as razões de ser dos fatos de que se fala” (p. 219). Esta tentativa de ocultamento é perigosa quando não há ou não se encontram razões para um aprofundamento; uma vez que o real não pode ser negado, toda tentativa ideológica de negá-lo, se for acreditada, pode levar à intolerância.

Parece, portanto, que a raiz da intolerância é a ignorância. Assim, a superação de uma passa pela superação da outra.

Conclusão

Quanto mais ocorre o fenômeno da semiformação, apontado por Adorno e ressignificado por Zuin (2013), maior a possibilidade de a pessoa deslocar-se para os extremos da própria ideologia. Dizer que um determinado comportamento é natural significa reconhecê-lo como natural, mas não aceitá-lo como normal ou correto. Todo comportamento pode ser superado, e o extremismo não é diferente. Zuin aponta, como caminho, a superação da semiformação.

Parece ser esta, de fato, a saída. O papel da escola é também despertar para o discernimento. O espírito crítico não se mostra como suficiente ou mesmo eficiente, pois ele pode estar a serviço de uma ideologia – sendo crítico apenas com a ideologia alheia. Espírito crítico sem suficiente discernimento não cumpre seu papel.

Ricoeur (1990, p. 167) aponta como resposta à ideologia uma visão “ao mesmo tempo empírica, teórica e prática”. É preciso ter um espírito flexível para dialogar no conflito, sem se contentar com análises que foram sendo construídas ao longo dos séculos. Para isso, é fundamental um suporte teórico, que ajuda a sustentar a reflexão, permitindo que ela não fique no senso comum e possa

contribuir não para criar uma nova ideologia, mas para sempre manter um olhar crítico bem fundamentado. Por fim, uma resposta prática, que coloca em xeque outras reflexões, ao desenvolver, na vida real, as ideias decorrentes da reflexão feita, o que Ricoeur (1990, p. 169) chama de *nova estratégia dos conflitos*.

Dito isto, percebe-se que o conflito ideológico faz parte da história humana. Somos “ideocêntricos”, neologismo que aqui usamos para dizer que a nossa ideologia é sempre considerada a melhor, e isso acompanha a história de todos os povos. Diante da impossibilidade de acabar com o conflito, resta-nos pensar maneiras de fazer com que eles não sejam desastrosos para a humanidade. Em todos os tempos, a intolerância matou milhões de pessoas, e segue matando no século XXI. A grande pergunta é como mudar esta realidade.

Ao fazer um diálogo entre amor e justiça, Ricoeur (2012) afirma que entre estes dois elementos há uma tensão dialética. Embora o amor pareça ser a resposta, ele também pode transformar-se em ideologia se não dialogar com a justiça. O cristianismo tentou fazer esta conexão, mas o próprio mandamento do amor é, em si mesmo, paradoxal. A busca pela tolerância, na perspectiva da alteridade, segue sendo um anseio. Na incapacidade humana de amar plenamente, toleremos.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz & Terra, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- MARTINS, Carlos H. dos Santos; CARRANO, Paulo C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan./abr. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/download/2910/1664>. Acesso em 11 jul. 2019.
- RICOEUR, Paul. **Amor e justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- ZIZEK, Slavoj. **O absoluto frágil**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- ZUIN, Antonio A. S. A sociedade do espetáculo e a reconfiguração da autoridade pedagógica. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 50, p. 207-222, out./dez. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n50/n50a13.pdf>. Acesso em 11 jul. 2019.

Enviado em: 13/setembro/2019 | Aprovado em: 16/março/2020